

O Brasil perde terreno na competitividade mundial

A competitividade da economia brasileira perdeu terreno em 2001. Regrediu ao nível em que se encontrava há cinco anos e, hoje, o Brasil está atrás de países cuja atividade se mantém extremamente centralizada como, por exemplo, a China. O Anuário da Competitividade Mundial, elaborado pela Escola de Administração de Lausanne (IMD), divulgado esta semana na Suíça, situa a economia brasileira na 35^a posição no ranking de 49 nações do qual fazem parte os países mais ricos do mundo e os emergentes. No trabalho anterior, divulgado no ano passado, o Brasil ocupava o 31^o posto.

Tão embaraçosa quanto a desconfortável posição é a certeza de que o Brasil dificilmente conseguirá reverter esse quadro em curto espaço de tempo, dada a envergadura dos motivos que o empurram para esta colocação.

Fundamentalmente, o país tem de correr contra o relógio, investir pesada e persistentemente em áreas sociais e corrigir importantes deficiências de infra-estrutura e macroeconômicas para virar esse jogo e tirar proveito de habilidades internacionalmente reconhecidas. Sem concorrentes, o país é apontado como líder inconteste na flexibilidade e preparo para enfrentar desafios e conta com administradores empresariais competentes o bastante para, nesse quesito, estar entre os cinco melhores do mundo.

Há, no entanto, um longo caminho a percorrer para que seja possível potencializar tais virtudes. No ranking do IMD, quanto mais alta a posição, pior a avaliação do conjunto dos 314 critérios considerados para apurar a competitividade das nações elencadas pelo estudo. No quesito educação, o Brasil figura entre os pior qualificados. Está no 45^o posto entre os países que têm analfabetos com idade superior a 15 anos e no 49^o, o último portanto, na avaliação relativa à educação secundária.

A rigor, esta é uma mazela de que padecem quase toda a América Latina. Até um passado relativamente recente, a Argentina era um dos países que mais zelavam pela educação no continente. Mas, mesmo antes da atual crise, foi superado nesse terreno pelo Chile.

O Chile, aliás, foi o único país da região que investiu em educação primária em níveis comparáveis aos de países emergentes do sudeste asiático e do leste e centro europeu. Isso, contudo, não o impediu, por outras razões, de enfrentar atualmente a migração de centros tecnológicos e científicos, que poderiam contribuir para a diversificação da pauta de exportações chilena, extremamente concentrada em produtos primários.

Ainda na área social, o Brasil está entre os países mais carentes de infra-estrutura de saúde (45^o) e de segurança — é apontado como 45^o mais violento entre os 49 que foram avaliados por mais de três mil empresários com posição de liderança em seus respectivos setores em diferentes partes do mundo.

São problemas recorrentes, que têm sido apontados em avaliações semelhantes feitas por diferentes fontes de pesquisa. Nem por isso, infelizmente, avançou-se rumo a soluções satisfatórias, que melhórassem a competitividade e a qualidade de vida brasileiras.

O Brasil também perde para outras nações no terreno macroeconômico. É verdade que a crise argentina colaborou imensamente para os solavancos da taxa cambial em 2001, ano que serviu de base para os dados compilados nesta edição do Anuário — trabalho que começou a ser elaborado em 1989. Mas a falta de estabilidade cambial é outra das deficiências do país, que, nesse quesito, ficou na 46^a posição.

Também na seara macroeconômica, a competitividade brasileira perde ainda mais pontos na avaliação da performance do comércio internacional como proporção do PIB, no saldo de transações correntes e no custo do capital — trio em que o país ficou no 47^o posto, o mesmo que lhe foi atribuído no que diz respeito à infra-estrutura de energia.

Esse mapeamento evidencia diferentes fragilidades na gestão oficial brasileira. Mas, com exceção da péssima performance do ensino secundário, nenhum atributo faz o país perder mais pontos do que o dos spreads bancários, quesito em que o Brasil está na 48^a posição. Está traçado o roteiro da corrida contra o relógio.